



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE
TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

WENDY MIRNA ALVES PIMENTEL

**“JOGA A BOLA NO MEU PÉ”: PERCEPÇÕES DE ATLETAS
UNIVERSITÁRIAS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NO FUTSAL
FEMININO**

Tocantinópolis/TO
2023

WENDY MIRNA ALVES PIMENTEL

**"JOGA A BOLA NO MEU PÉ": PERCEPÇÕES DE ATLETAS
UNIVERSITÁRIAS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NO FUTSAL
FEMININO**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Norte do Tocantins, como requisito parcial à obtenção do título de grau de conclusão.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza

Tocantinópolis/TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M675" Mima Alves Pimentel, Wendy.
"Joga a bola no meu pé": percepções de atletas universitárias sobre as questões de gênero no futsal feminino. / Wendy Mima Alves Pimentel. – Tocantinópolis, TO, 2023.
23 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação Física, 2023.

Orientador: Dr. Adriano Lopes de Souza

1. Futsal. 2. Implicações. 3. Preconceito. 4. Evolução. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

WENDY MIRNA ALVES PIMENTEL

“JOGA A BOLA NO MEU PÉ”: PERCEPÇÕES DE ATLETAS
UNIVERSITÁRIAS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NO FUTSAL
FEMININO

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza - UFNT

Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias - UFNT

Profa. Me. Daiane Silva - UFNT

Tocantinópolis-TO
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este trabalho com saúde e força para chegar até o final.

Agradeço minha mãe que já não está mais entre nós, mas que foi minha maior incentivadora e exemplo de força de vontade para essa grande conquista. Quero agradecer meu pai Antônio Claudio que sempre me ajudou quando precisei, minha irmã Sofia Pimentel que é meu presente de Deus, minha tia Josefa Pimentel que me deu abrigo na sua casa e me ajudou muito, meu esposo Layson Mota Machado, meu cunhado Laylson Mota Machado, que sempre estiveram ali me incentivando quando eu falava que não iria conseguir, quero agradecer meu filho Felipe Pimentel Machado que chegou na reta final dessa trajetória, mas que foi de grande importância para me dar forças para continuar.

Deixo um agradecimento especial a todos os professores pelo incentivo e dedicação durante todo o curso em especial o meu Orientador Prof. Dr. Adriano Lopes que sempre esteve presente com palavras de incentivos e forças quando eu mais fraquejei e pensei em desistir e o Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias que também teve palavras de conforto e motivação para eu não desistir, foram momentos de grande importância para eu conseguir chegar até aqui.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
A MULHER NO FUTSAL.....	9
A REPERCUSSÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA PARA A MULHER.....	11
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXO I – SUBMISSÃO DA PESQUISA AO COMITÉ DE ÉTICA.....	23

RESUMO

Algumas transformações e evolução do futsal feminino foram ocorrendo ao longo dos anos, os quais fazem parte da temática desta pesquisa, mas principalmente a questão do preconceito de gênero pela prática desse esporte foram contemplados. O objetivo desse trabalho foi analisar a percepção de atletas universitárias sobre as questões de gênero no Futsal feminino. Em função do objetivo supracitado, a presente investigação se constitui como uma Pesquisa de Campo, de natureza exploratória e com abordagem qualitativa. Trata-se da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), mais especificamente o campus de Tocantinópolis-TO, cujos universitários do curso de Educação Física estão geralmente mais envolvidos com as práticas esportivas. Os resultados abordaram um conjunto de motivações e incentivos (familiares e institucionais), bem como um espectro deplorável de preconceitos que as universitárias tiveram (e têm) que enfrentar para continuarem praticando um esporte historicamente masculinizado.

Palavras-chaves: Futsal. Implicações. Preconceito. Evolução.

ABSTRACT

Some transformations and evolution of women's futsal have been taking place over the years, which are part of the theme of this research, but mainly the issue of gender prejudice for the practice of this sport were contemplated. The objective of this work was to analyze the perception of university athletes about gender issues in women's Futsal. Due to the aforementioned objective, the present investigation is constituted as a Field Research, of an exploratory nature and with a qualitative approach. This is the Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), more specifically the Tocantinópolis-TO campus, whose Physical Education students are generally more involved with sports. The results addressed a set of motivations and incentives (family and institutional), as well as a deplorable spectrum of prejudices that university students had (and have) to face in order to continue practicing a historically masculinized sport.

Keywords: Futsal. implications. Preconception. Evolution.

INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno com grande proeminência sociocultural, cujo contexto histórico foi baseado na divisão de gênero (HARGREAVES, 2003). Por gênero, compreende-se como algo que é construído social e culturalmente, envolvendo um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nos corpos (GOELLNER, 2010).

Nessa seara, pode-se argumentar que o esporte de forma geral – e o futsal, de forma particular – precisa ser incentivado para ambos os gêneros, incluindo aspectos como socialização, exercício de liberdades, experimentação de situações de movimentação de seu corpo, aprendizagem de técnicas, etc., e não somente quando se refere à questão da estética ou do alto rendimento (GOELLNER, 2010).

Segundo dados oficiais da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), o Futsal é praticado em cerca de 140 países, pelo menos no que se refere à categoria masculina. Por outro lado, quando se trata da categoria feminina, são somente 55 países praticantes da modalidade. Esse número é muito inferior, e isso somente reflete a realidade do futsal feminino, sem apoio e sem comprometimento dos órgãos e poderes que deveriam investir mais (FERREIRA *et al.*, 2021).

Não obstante, mesmo que de forma tímida, há pessoas que compreendem esse universo e sabem que é preciso dar apoio, assim como para os esportes masculinos. Diante disso, a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) conseguiu influenciar de alguma forma o intercâmbio internacional no feminino e com isso possibilitou a criação do Campeonato Sul Americano de Seleções que está na sua 3ª edição contando com a participação de sete países. Porém, sabe-se que esses avanços no futsal feminino ainda esbarram no fato do futsal não ser um esporte olímpico, isso acaba fechando algumas portas quanto a um provável crescimento e maior interesse de patrocinadores e dos meios midiáticos (SILVA; RIBEIRO, 2022).

No Brasil, a prática do futsal feminino foi oficializada somente em 08/01/1983 pelo antigo e hoje extinto Conselho Nacional de Desportos (CND). Conforme apontado por Sanches e Borim (2010, p. 18), “a prática do futebol de salão feminino foi autorizada pela FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) em 23 de abril de 1983”.

De fato, muito não foi levado a frente ou com o comprometimento que deveria haver, pelo fato do “preconceito”, tema relevante e bastante atualizado, que precisa ser aprofundado nesse estudo, tanto que é presenciado nos campos de futebol, futsal, enfim, na sociedade de

uma forma geral, sendo essa temática pertinente para ser desenvolvida em estudos acadêmicos (CARRIEL; SANTOS, 2021).

Com efeito, a justificativa pela escolha do tema emergiu em virtude dos diversos episódios de preconceito¹ noticiados pelas mídias e por vezes presenciado no próprio contexto local, cuja linha de pesquisa versa sobre as dificuldades e os preconceitos vividos nessa modalidade. Assim, as dificuldades vividas pelas praticantes dessa modalidade têm sido tema de outras pesquisas e os resultados têm apontado a existência de muitos estigmas e estereótipos sobre o processo de inclusão e desenvolvimento delas no desporto. Assim, essa pesquisa buscou amparo teórico em estudos recentes, desenvolvidos por Goellner (2010), Carriel e Santos (2021), Ferreira *et al.* (2021), Silva e Ribeiro (2022), entre outros.

Em contrapartida, a despeito da pertinência de tal temática, ainda observa-se poucos dados na literatura nacional sobre os aspectos concernentes às questões de gênero presentes relacionados ao esporte universitário (HILLEBRAND; GROSSI; MORAES, 2008; SILVA; SECCO; NAKANO, 2022), contribuindo para justificar a necessidade de realizar uma abordagem exploratória a respeito.

Em face do exposto, o presente estudo se propõe a responder a seguinte questão norteadora: como as questões de gênero são percebidas por mulheres praticantes de Futsal feminino no contexto universitário? Portanto objetivamos analisar a percepção de atletas universitárias sobre as questões de gênero no Futsal feminino.

A MULHER NO FUTSAL

A história das mulheres no presente universo cultural do esporte brasileiro sempre ficou caracterizada por rupturas, obstáculos, persistências, transgressões, avanços e recuos. Dessa forma, talvez o melhor resultado alcançado tenha sido a participação na segunda etapa dos Jogos Olímpicos Modernos, e ainda teve protesto de muitos que estavam presentes, pois, as demais pessoas chegaram a considerar que as mulheres poderiam ridicularizar um território tão recheado de honras e conquistas que sempre foi dominado por homens (GOELLNER, 2003).

A participação da mulher no esporte se dava através da exibição de beleza ao fazerem desfile e entregarem premiação. A primeira participação da mulher diretamente ao esporte se dá na idade média, quando participavam das mesmas atividades esportivas que os homens, envolvendo-se em jogos populares, como os jogos com bola (VALPORO, 2006, p. 91).

¹ Dentre esses episódios, pode-se citar, por exemplo, o caso do clube de futsal que fez denuncia de caso de racismo (sendo chamadas de macacada) em jogo pelo Gauchão Série Prata em Lavras do Sul em agosto de 2022.

Todavia, com o passar do tempo e o conseqüente crescimento da sociedade, a mulher deixou de ter aquele vínculo forte com o esporte, passando, assim, a ser resumida ou se conformar em ser uma dona de casa, sua função mais importante se concentrava na criação e geração dos filhos, ou seja, sua participação em práticas esportivas acabou sendo repreendida.

Diante disso, para que esse quadro fosse alterado e as mulheres voltassem novamente a serem reinseridas no âmbito do esporte moderno, as mesmas teriam que novamente enfrentar e quebrar diversos paradigmas que foram sendo criados pela sociedade e adotados como sendo escudos contra a prática do esporte feminino, ou seja, a sociedade acreditava que a mulher somente deveria agir como um ser humano que é puramente feminina, e que não apresentava quaisquer características inadequadas para a prática de alguns esportes. Segundo Teixeira Júnior (2006, p. 16):

O futebol foi negado as mulheres por argumentos extremamente machistas e infundados. Falava-se que o campo de futebol, colocava em prova as representações de feminilidade, comprometendo graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, sensualidade e delicadeza da mulher.

Como citado acima, a mulher de forma alguma deveria realizar a prática do futebol, com isso a sua participação e efetivação no esporte ocorreu de maneira bem tardia, já que a mesma teria que contrariar as questões impostas pela sociedade a respeito do gênero e o esporte.

No caso do Futsal, o primeiro campeonato oficial foi disputado em janeiro de 1993, no estado de São Paulo, contando com a participação de 10 equipes. Trata-se, da “I Taça Brasil de Clubes”. Esse pode ser considerado como um pontapé inicial para promover a divulgação e o crescimento do futsal feminino no cenário nacional, fazendo com que vários campeonatos e times surgissem por todo o País, e conseqüentemente, marcando o surgimento de uma das jogadoras mais vencedoras do futebol feminino brasileiro e mundial, Marta Vieira da Silva, que foi eleita três vezes a melhor do mundo (BARBIERI, 2009)

Porém, mesmo com esse destaque no futebol, ainda há muitas barreiras a serem enfrentadas, entre elas o preconceito e a discriminação, continuaram dificultando a aceitação da prática futebolística por mulheres. O autor Teixeira Júnior (2006, p. 17) assinala: “[...] torcedores, treinadores dizem ‘parecem um bando de ‘mulherzinhas’ para os atletas homens que estão jogando mal [...]”. Isso ilustra bem como a mulher no futebol é rejeitada e discriminada por praticá-lo. A discriminação pode ser percebida e identificada em times que são considerados de alto nível, dentro das escolas, em clubes e até no seio familiar.

Com efeito, características como afeto, fragilidade ou delicadeza são atreladas ao público feminino. Segundo Paim e Strey (2005, p. 40), “[...] seu corpo é dotado de docilidade e sentimentos afetivos, qualidades negadas aos homens; sua condição materna deve ser preservada, como garantia de perpetuação da espécie”.

No esporte, essa diferença acabou sendo espalhada por muito tempo. Dessa forma, depois das mulheres conseguirem conquistar algum espaço no meio esportivo, automaticamente acabaram vindo outras contradições na sociedade que resultaram no impedimento das mulheres de continuar exercendo algumas práticas esportivas, principalmente aquelas que se assemelhavam características consideradas violentas para a “natureza feminina”, através do Conselho Nacional do Desporto, e o decreto-lei n.3.199 (BRASIL, 1941). O objetivo desse decreto era promover o ordenamento esportivo brasileiro disciplinando o campo esportivo. Dessa forma, esse decreto ficou vigente por três décadas, dificultando e impedindo bastante o crescimento da mulher no esporte (GOELLNER, 2010).

A REPERCUSSÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA PARA A MULHER

A mulher sempre procurou lutar pela sua visibilidade, liberdade, igualdade e inserção no âmbito social, isso pode ser contemplado durante o decorrer dos anos, provocando uma divisão social, onde a mulher, de fato, ganha seu espaço que é de direito e passa a ser reconhecida como sujeito ativo e importante dentro da sociedade, assegurando o seu direito à cidadania e legitimando o seu papel enquanto agente transformador (ALTTIMAN; COSTA 2009).

No decorrer dos últimos 50 anos, principalmente, a mulher tem se mobilizado a fim de modificar o quadro do seu status no meio da sociedade, porém, esse reconhecimento somente foi conseguindo depois de anos de luta, quebrando barreiras da desigualdade social, proibições, e preconceitos enfrentados quase que diariamente.

A mulher, ser humano considerada muitas vezes como frágil, dona de casa, responsável pela educação dos filhos, mudou sua imagem para ter reconhecimento social de outra forma, obtendo novos papéis e responsabilidades no meio da sociedade, inclusive na sustentação econômica do lar, ou seja, a mulher já trabalha dentro e fora de casa, em muitas oportunidades é autônoma e com salários mais altos do que em tempos anteriores, mesmo ainda não se comparando com os homens (ALTTIMAN; COSTA 2009). A reboque, Nascimento (2008, p. 13), pontua as conquistas das mulheres em vários âmbitos sociais situando a sua participação no cenário atual:

[...] hoje, as mulheres já fazem todo tipo de serviço, muitas vezes com melhor qualidade que os próprios homens. É comum, ver-se mulheres nos tribunais, exercendo com maestria a profissão de advogadas, promotoras, juízas, profissões que eram antigamente, exclusivamente “para” os homens, [...] Há a presença feminina em todos os níveis executivos das empresas e do governo.

Portanto, fica claro como a mulher passou a conquistar importantes papéis na sociedade, passando a ser inserida e a conquistar grandes oportunidades em muitas áreas que antes somente homens tinham domínio completo. Assim, no meio esportivo ainda há muito que se conquistar, pois o homem ainda continua muitos passos à frente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em função do objetivo citado alhures, a presente investigação se constitui como uma Pesquisa de Campo, de natureza exploratória e com abordagem qualitativa. No entendimento de Martins e Ramos (2013), a pesquisa ou estudos qualitativos não buscam obter amostras representativas com foco na lei da probabilidade, por exemplo, nem ao menos a pretensão que seus estudos sejam replicados, mas fundamenta-se em um processo indutivo de forma exploratória e descritiva gerando assim perspectivas teóricas. A respeito do caráter exploratório, busca-se ampliar os conhecimentos, aperfeiçoar ideias e alcançar uma nova percepção sobre o tema proposto (LAKATOS; MARCONI, 2003).

O lócus da pesquisa é composto pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)², mais especificamente no Campus de Tocantinópolis-TO, cujos universitários do curso de Educação Física³ estão geralmente mais envolvidos com as práticas esportivas, tornando-lhes um público-alvo privilegiado para um recorte inicial sobre a temática focal do presente estudo.

Nesse sentido, os critérios de inclusão utilizados para a seleção da nossa amostra foram: universitárias matriculadas no curso de Educação Física da UFNT; participação como atleta do primeiro Torneio de Futsal da referida instituição e que aceitaram participar da pesquisa. Como critério de exclusão, destacamos a não devolutiva do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado. Isto posto, em conformidade com o estabelecimento de tais critérios, participaram da presente pesquisa um total de 5 (cinco) atletas universitárias do referido curso (Quadro 01).

² Conforme a Lei Nº 13.856, de 8 de julho de 2019, a UFNT foi criada por desmembramento de campus da Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT), sendo constituída por campi nos municípios de Araguaína, Guaraí, Tocantinópolis e Xambioá.

³ Além do curso de Educação Física, o referido Campus é composto por outros quatro cursos de graduação, são eles: Ciências Sociais, Educação do Campo, Direito e Pedagogia.

Para tanto, optamos por utilizar o Grupo Focal para a produção de dados correlatos ao nosso objeto de estudo. Conforme pontuado por Gatti (2005), trata-se de uma técnica que vem sendo bastante utilizada nas pesquisas que buscam compreender as percepções dos sujeitos a respeito de determinado fenômeno, permitindo, por meio da interação desenvolvida no grupo, o surgimento de semelhanças e contrapontos, incluindo sentimentos, atitudes e valores dos respectivos participantes.

Nesse sentido, visando orientar e estimular a interação entre os sujeitos, elaboramos um roteiro prévio para ser utilizado com flexibilidade (GATTI, 2005), contendo alguns temas pertinentes ao nosso objeto de estudo, são eles: motivações, incentivos, preconceitos, sexualidade e perspectivas futuras.

Ademais, para fins analíticos, esse estudo recorreu a Análise de Conteúdo proposta por Minayo (2001), a qual divide-se basicamente em três fases. Na primeira é realizada a pré-análise, com leituras, escolhas de materiais, formulações de objetivos e indicadores. Na segunda é feita a exploração do material, categorização ou codificação e, por fim, o tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

A análise foi feita a partir das citações diretas sobre experiências vividas por elas, de maneira que a pesquisadora pudesse tirar conclusões e tomar decisões a partir dos seus relatos, confrontando os discursos com as opiniões de autores escolhidos pela mesma. Vale ressaltar que não foram feitas correções quanto a linguagem formal ao ser redigido os discursos das atletas.

Por fim, em consonância com os aspectos Éticos de Pesquisa, reiteramos que todas as participantes foram voluntárias a participar do estudo, assinando o TCLE, o qual contém informações sobre a natureza, a importância e o objetivo da presente investigação. Além disso, também lhes garantimos o devido anonimato, com a atribuição de nomes fictícios.

Ademais, ressalta-se que o presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, possuindo o seguinte número de CAAE: 55415822.6.0000.5519

Para facilitar a exposição de dados coletados na pesquisa de campo com estudantes da UFNT e atletas universitárias de futsal em Tocantinópolis-TO, elas serão identificadas como atletas Taty, Amandinha, Cilene, Diana e Camila que, aliás, são nomes de atletas da Seleção Brasileira Feminino de Futsal. A média de idade foi 29 anos, sendo a idade mínima 22 anos e 32 a máxima, conforme ilustrado no quadro abaixo.

Quadro 01 – Perfil das participantes da pesquisa

Nome fictício	Idade	Período do curso	Tempo de prática
Atleta “Taty”	29 anos	Oitavo período	Desde os 9 anos
Atleta “Amandinha”	32 anos	Oitavo período	Desde os 9 anos
Atleta “Cilene”	22 anos	Oitavo período	Desde os 8 anos
Atleta “Diana”	Não informado	Oitavo período	Desde 8 a 9 anos
Atleta “Camila”	29 anos	Oitavo período	Não se recorda

Fonte: Os autores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente a pesquisa começou buscando extrair das participantes um breve relato sobre seu início no esporte. E mesmo cursando Educação Física e tendo um contato mais específico com os esportes, incluindo o próprio futsal – disciplina presente na grade do referido curso –, o primeiro contato com tal esporte não foi ocasionado pela experiência acadêmica. As entrevistadas relataram que jogam desde criança, por volta de oito ou nove anos de idade, iniciando a prática do esporte com irmãos, primos, amigos e colegas da escola. Nos chamou a atenção o fato de o esporte estar presente em suas vidas, dentre outras coisas, pela facilidade de ser praticado em qualquer espaço, incluindo lugares mais inusitados, como “debaixo de um pé de manga”, conforme ilustrado nas falas abaixo:

Bom eu comecei jogar, com meus irmãos, meus colegas, meus vizinhos, ali perto de casa mesmo, na rua debaixo de uns pé de manga que tinha perto da minha casa e jogava também na escola, né? As vezes quando os meninos deixava a gente jogava com eles lá na hora da aula de educação física, por depois, mas isso também só no ensino médio né, enquanto não entrei no ensino médio eu jogava mesmo só perto da minha casa, conheci umas meninas a gente ia para o campo, a gente jogava só numa parte lá do campo né, os meninos jogava no outro (Amandinha).

Eu comecei a jogar de baixo de uns pé de manga lá na minha vó, com meus primos mesmo porque minhas primas que eram mulheres tipo era tudo novinha, bem mais nova que eu, então já a faixa etária dos meus primos, do meu irmão, e aí o que tinha pra fazer era jogar bola ai eu ia jogar bola com eles, ficava lá no meio deles e aprendi e gostei (Cilene).

De fato, conforme pontuado por Borsari (1989), um dos principais elementos que ajudaram a popularizar o futebol foi a fácil aquisição de materiais para a sua prática, visto que o jogo pode ocorrer com a utilização de bolas de meia para simular a bola e/ou sandálias para

simular a trave. Ou seja, sua prática pode ser adaptada em qualquer espaço, de acordo com a necessidade dos seus praticantes.

Cada atleta tem sua história de vida e uma relação afetiva com o futsal. Algumas inclusive já participaram de torneios, como interclasse e outras não esquecem de onde começaram, nas ruas, nos quintais etc. Na interação do grupo focal, as participantes tiveram a oportunidade de relatar o incentivo ou não por parte da família no tocante à prática de atividade esportiva, como o futsal, pelo fato de ser mulher e se destacaram algumas respostas.

Foi o meu avô, minha mãe detestava, meus pais detestavam que eu jogava, que eu praticasse isso, esporte, futebol, futsal, eles não gostavam, minha mãe chegou a jogar minha chuteira fora, mas o meu avô ele brigava mesmo ele ia lá quando tinha dia de campeonato que minha mãe me proibia de ir, meu vô ia lá me pegava pelo braço, você vai comigo, eu vou te levar, e discutia, ele chegou a de fato discutir com a minha mãe com meu pai por causa disso, por causa de futebol. Eles não deixavam mesmo, e meu vô bem antigamente na época quando minha mãe era mais nova, ele tinha time aqui de futebol masculino e feminino e ele levava o pessoal em cima de caminhão pra jogar aqui nesses arredores, então ele sempre gostou de futebol, ele sempre incentivou assim, todos nós assim da nossa família a jogar futebol que é uma coisa que ele sempre gostou muito. E eu ele sempre acompanhou enquanto ele tava vivo ele sempre me acompanhou nos campeonatos comigo (Taty)

Não, eles incentivar eles nunca incentivaram não, mas eles também nunca brigaram porque eu saia pra jogar, porque eu saia pra me divertir, eu falava: não eu vou ali jogar bola. Quando eu fiz assim 15 anos, 16 anos a gente saia pra jogar numas cidadezinhas perto né, mas eles nunca me incentivava, mas também nunca me ⁴empaiaram deu sair sabe, nunca me impediram, nunca falaram nada, ah gosta de fazer isso então vai (Amandinha)

Inicialmente, num tive nem um incentivo e como a “Amandinha” disse eu não me inspirei em ninguém. Ia jogar lá mermo, eles iam jogar e eu queria jogar com eles com os meninos e sobre minha família me apoiar tipo até hoje minha mãe tipo é meio cri com isso sabe por questões de preconceito mesmo, meu pai é mais liberal, mas meu irmão é de boa com isso minha irmã também é mais por parte da mãe mesmo, enfim, mais alguma coisa? (Cilene)

Sempre foi muito de boa, assim, eu quando eu entrei aqui na chama a “Taty” tava falando um pouco sobre a questão do preconceito da família dela né. E aí na minha família foi totalmente oposto assim, minha mãe quando eu jogava nos jogos escolares ela ficava em todos os jogos gritando, esperneando e fazendo toda aquela algazarra toda então tipo em casa sempre tive muito apoio dela, e os meus irmãos assim, tipo foi, não houve incentivo, mas também tipo eles nunca criticaram a gente já jogou muita bola junto também, eu e eles e aí acho que basicamente isso (Diana).

⁴ Empaiaram – Atrapalharam; impediram.

Nas falas acima percebe-se que duas das meninas tiveram uma notável desaprovação de suas mães quanto a prática do futsal/futebol e tendo apoio de pessoas do sexo masculino, o que pode ser mais comum do que se imagina, de modo que as próprias mulheres acabam por difundir o preconceito a respeito de outras mulheres que praticam o futsal/futebol. Em reportagem publicada no Jornal O Dia, no ano de 1997, a filha caçula de um dos mitos do futebol brasileiro, Garrincha, relata os vários esforços que fez para convencer a mãe a aceitar sua participação como atleta no universo do futebol: “Ela só quer que eu arrume um namorado. Tem medo que pensem que eu sou sapatão” (SILVA, *et al.*, 1998, p. 113).

Enquanto uma das atletas diz não ter tido nenhum problema com a família, mas também não teve apoio, outra atleta diz ter tido total apoio da família tendo sua mãe como torcedora na arquibancada em suas participações em jogos, destoando dos demais relatos. Nesse bojo, uma fala nos chamou a atenção, pois na condição de ser mãe, ela busca apoiar a prática de sua filha enquanto ela não teve esse apoio, conforme demonstrado abaixo:

[...] agora mesmo, eu tava participando da gincana da escola da minha menina, do interclasse, primeiro ano ela tá participando, a “Diana” teve um tempinho lá comigo, e aí sempre que eu tenho um tempo eu gosto de tá envolvida dentro dessas questões que envolve o movimento, que envolve prática e, principalmente, que envolva o futebol (Camila).

Nesse sentido, pode-se articular que o apoio e a motivação vindos da família representam um importante suporte social para o desenvolvimento de uma prática corporal e esportiva. A família é o ambiente onde as atletas desenvolvem sua identidade, autoestima, motivação, etc. A boa evolução, muitas vezes, se deve ao encorajamento da família, atribuição de valores, além do apoio psicológico (VILANI; SAMUSLKI, 2002).

As atletas também foram questionadas a respeito do incentivo da Universidade na prática do futebol. Nesse ponto, elas citaram que se depararam com poucas iniciativas, como um projeto de extensão de Futsal, um interclasse organizado por alunos do curso de Educação física e os próprios Jogos Universitários, muito embora esses demandem de um aporte financeiro, o que nem sempre foi cedido para elas, conforme ilustrado no seguinte relato:

Eu cheguei a jogar o JUFT [Jogos Universitários da Universidade Federal do Tocantins], JUBS [Jogos Universitários brasileiros] eu não fui, nessa mesma época que a “Cilene” foi eu não fui porque teria que desembolsar dinheiro e eu não tava em condições financeiras de tirar o dinheiro do meu bolso, porque na minha época quando eu cursei em Araguaína é quando nós tínhamos incentivo do governo federal que é coisa que nós não temos mais é nos recebíamos um auxílio pra ir pra esses jogos justamente pra ajudar a custear nossas despesas, custear alimentação e tudo mais, em algumas

ocasiões eles serviam apenas o café da manhã e a gente comprava o almoço e janta com esse auxílio teve uma em palmas que eles serviam o almoço pra gente mas aí a janta a gente tinha que custear e a gente ficava alojado na própria universidade nesses jogos que a gente foi a gente sempre ficava alojado na universidade e esse auxílio era muito importante pra gente [...] como é que a gente vai sair do campus da cidade que a gente tá pra ir pra outro campus pra representar a universidade sem esse auxílio? Não tem como, por que depende desse auxílio era pouco mais ajudava, era o dinheiro ia contado mesmo ajudava a gente a estar lá (Taty).

As mulheres, ao longo de sua história, têm enfrentado inúmeras barreiras para conquistar seus direitos e espaço, e no meio esportivo não é diferente. No cenário nacional, a participação e a trajetória das mulheres que praticam futebol têm um crescimento vagaroso em referência a outros países, como os europeus, por exemplo, que buscam a realização de campeonatos, e, ainda assim, é evidente que o investimento financeiro sequer se aproxima daquele destinado ao futebol masculino (SOUZA, 2008). Balardin *et al.* (2018), por sua vez, ressaltam que as atletas que praticam futebol feminino no contexto estadunidense possuem, desde sua formação, ajudas financeiras para viagens, transporte, hospedagem e afins, o que, decerto, representa um apoio fundamental para incentivá-las a continuar no esporte.

Outro aspecto que emergiu com significativa proeminência na interação do grupo focal foi a questão do preconceito de gênero, cujas participantes abordaram situações que vivenciaram por estarem praticando um esporte historicamente masculinizado, conforme ilustrado nos seguintes relatos:

o pessoal de fato não aceitava de forma alguma quando a gente ia jogar o pessoal já falava assim: “ah! aquelas sapatão”. Era a palavra assim que era assim automático que já saía. [...] eu já ouvir demais pessoal criticar, dizer que futebol era feio, que mulher não sabe jogar, que aquilo não era pra mulher ou que a mulher que jogava era uma sapatão [...]. A gente tinha, então, não é porque joga futebol futsal que tem que ser sapatão, mas tinha isso dessa associação, já era uma coisa que já vinha junto, sempre veio junto, sempre andou junto, era complicado (Taty).

Há é isso mesmo que as meninas comentaram existe sim esse tipo de preconceito desde quando eu comecei a jogar [...] quando eu já tinha uns 16 anos, 17 anos que eu ia com as meninas pra quadra os meninos sempre falava isso: “Ah! tem que caçar vasilha pra lavar”. “As muie tá fazendo o que? Lugar de ⁵muie não é na quadra não”. E quando a gente ia jogar em alguma cidadezinha assim fora a gente sempre ouvia e é como falaram aí não é só dos homens não, das próprias mulheres também elas falam isso, criticam a gente, então isso ainda é muito pior pra nós né?

⁵ Muie – Mulher.

[...] eu acho que todo mundo, toda as meninas que já jogaram algum campeonato escuta algum comentário: “Ah! tipo jogam, o jogo ta muito feio, porque é de mulher” [...]. Sempre tem, dificilmente em algum campeonato que você vai jogar você não escuta algo do tipo, algo relacionado a isso e acho que o pior não é nem quando vem do, de um homem, porque as vezes vem das próprias mulheres e aí isso que é um pouco mais deprimente porque deveria ser quem, ressaltar sabe, tipo apoiar, e tudo mais, mas as vezes as críticas vêm das próprias mulheres tipo, falam as vezes até coisas piores do que os homens né? (Diana).

Em face da deplorável face do preconceito, nos chamou a atenção novamente que as próprias mulheres contribuíram para difundir o estereótipo de que futebol não era coisa de mulher. Uma das participantes chegou a afirmar que chegava a chorar, pois não sabia como lidar com situações de preconceito. Segundo Barbieri (2009), no meio do futebol/futsal, os preconceituosos utilizam-se diversas palavras pejorativas, como por exemplo, “mulher macho” ou “Maria sapatão”, fazendo com que a mulher não seja percebida no que diz respeito as suas potencialidades e sim pela concepção deturpada do exercício do esporte, ou seja, de que tal prática seja coisa de homem.

Com efeito, mesmo que o futebol seja um esporte que tem status de maior popularidade, grandes estrelas e uma circulação de dinheiro maior, é no futsal que tais situações ocorrem com maior frequência, isso é traduzido exatamente pela grande diversidade de locais que se encontram disponíveis para que o futsal de fato seja praticado, entre esses locais, encontra-se escolas, praias, clubes e praças, ginásios, etc., e o mesmo não ocorre com o futebol de campo, principalmente devido ao espaço físico necessário para sua execução (STEFANON; SILVA, 2013).

Em contrapartida, percebe-se que as mulheres têm buscado forças para sobreviver no esporte, vencendo obstáculos e enfrentando diariamente o preconceito para conquistarem um espaço de respeito nesse meio, tem-se notado a presença do sexo feminino no futsal como um dos exemplos mais importantes. A mesma começou a conquistar seu espaço, ou seja, tanto meninas como mulheres iniciaram a prática do futsal feminino em locais variados, como por exemplo, em escolas, em clubes, em competições, com diferentes objetivos.

O futsal é um esporte praticado no mundo inteiro e a cada dia ganha novos adeptos, principalmente pela facilidade de sua prática e pelos locais onde pode ser praticado esse esporte, porém, além do sexo masculino, as mulheres também têm gerado números expressivos quanto a prática e sua participação em eventos importantes, mas poucos sabem de suas lutas e principalmente do preconceito sofrido até que esse esporte de fato fosse praticado por elas (STEFANON; SILVA, 2013).

Sintomaticamente, observa-se que o futsal é um esporte que ainda necessita ter mais espaço na mídia, a qual, de acordo com Nunan (2003), representa um importante agente de socialização de opinião e de construção e perpetuação de estereótipos, devendo, portanto, ser levada em consideração na tentativa de análise do fenômeno do preconceito. Nesse sentido, compreende-se que seria fundamental um maior trato do Futsal nos meios midiáticos, destacando a participação feminina.

Entretanto, mesmo com uma considerável expansão do Futsal no Brasil e no Mundo e a presença da mulher nessa modalidade também crescer, o processo de discriminação e o preconceito infelizmente continuou sendo realizados contra quem pratica esse esporte. Observa-se que o preconceito ainda é um componente presente nas quadras em relação as mulheres praticarem o futsal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lutas, mobilizações e movimentos feministas realizados ao longo de todos esses anos contribuíram para a inserção da mulher nas mais diversas áreas da sociedade. Hoje, além de realizar as tarefas domésticas e cuidar dos filhos, elas também ajudam no orçamento familiar, fato que anteriormente era obrigação apenas do homem. A mulher, de certa forma, tornou-se independente, ela trabalha, estuda, toma suas próprias decisões, tem suas responsabilidades e é capaz ainda de incorporar outras atividades que apareçam, fazendo-as com eficiência.

Em se tratando do meio esportivo, não foi diferente, e talvez tenha sido bastante parecido à inserção do futebol ao mercado de trabalho. O preconceito já faz parte da vida da mulher desde o início do processo de inserção dela no mercado de trabalho, ou seja, as dificuldades e os preconceitos há muito tempo estão presentes também no esporte.

Todavia, no decorrer dos últimos anos, principalmente, a mulher tem se mobilizado a fim de modificar o quadro do seu status no meio da sociedade, porém, esse reconhecimento somente foi conseguindo ganhar proporcionalidade depois de anos de luta, quebrando barreiras da desigualdade social, proibições, e preconceitos enfrentados quase que diariamente.

Por isso, a pesquisa sobre a percepção de atletas universitárias sobre as questões de gênero no Futsal feminino justifica-se pela necessidade de levantar informações quanto as suas transformações e evoluções, haja vista também tem seus pontos positivos, como o reconhecimento da prática e das conquistas que as mulheres dessa instituição tem conseguido,

com e sem o apoio da família da Universidade, ou seja, essa série de fatores contribuem diretamente para uma quebra de paradigmas no município de Tocantinópolis.

Os resultados abordaram um conjunto de motivações e incentivos (familiares e institucionais), bem como um espectro deplorável de preconceitos que as universitárias tiveram (e têm) que enfrentar para continuarem praticando um esporte historicamente masculinizado. Constatamos que o estereótipo de que futebol é coisa de homem foi, em diferentes momentos de suas vidas, difundido por muitas atitudes machistas e preconceituosas, as quais partiram, inclusive, por parte de outras mulheres.

Conclui-se que a mulher deve continuar lutando pela ocupação de espaços historicamente masculinizados, tal como ocorre com as atletas universitárias de futsal em Tocantinópolis-TO, cujo preconceito não foi suficiente para afastá-las do esporte, de tal modo que o objetivo do time de futsal venha sendo cumprido, uma vez que lugar de mulher é onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

- ALTTIMAN, C.N.; COSTA, S.G. **Revolução feminina**: As Conquistas da Mulher no Século XX. 2009. 56f. TCC (Administração Geral de empresa). Faculdade Eça de Queirós. Curso de Administração Geral de empresa. Jandira, SP.
- BALARDIN, G. F. *et al.* O futebol feminino no brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 36, p. 101-109, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARBIERI, Fábio Augusto. **Futsal**: Conhecimentos teóricos - práticos para o ensino e treinamento 1.ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.
- BORSARI, J. R. **Futebol de campo**. São Paulo. EPU. 1989.
- CARRIEL, Ana Lauren; SANTOS, Mariól S. Futsal feminino escolar: a visão das alunas do ensino fundamental II anos finais. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**. n. 2, Novembro, 2021.
- FERREIRA, José Ricardo Lopes, et al. Perspectivas sobre as mulheres no campo do futebol/futsal feminino: o que as pesquisas nos periódicos nacionais evidenciam. **Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**. v. 33. n. 64, p. 01-14, 2021.
- GATTI, Bernardete A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.
- GOELLNER, S. V. Bela, **Feminina e Maternal**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.
- HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**. A educação na era da insegurança. Porto: Porto Editora, 2003.
- HILLEBRAND, M. D.; GROSSI, P. K.; MORAES, J. F. **Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário**. Rio Grande do Sul: PUC, 2008.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Ronei Ximenes; RAMOS, Rosana. **Metodologia de pesquisa**: guia de estudos. Lavras: UFLA, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NASCIMENTO, Jorge. **As conquistas das Mulheres**. 2008. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/1781325-conquistas-das-mulheres/>> Acesso em: 23 de Outubro de 2022.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Caravansarai: Rio de Janeiro, 2003.

PAIM, M. C. C E STREY, M. N. Percepção de corpo da mulher que joga futebol. **Revista Digital-Buenos aires** 10 n. 89 Junho de 2005.

SANCHES, Vanda Cristina; BORIM, Jayne Maria. História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 15, Nº 149, Outubro de 2010.

SILVA, Gustavo Henrique de Almeida; RIBEIRO, Victor Barbosa. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Cad. Educ. Fís. Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, e-28992, 2022.

SILVA, Maria Cecília de Paula et al. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE, Sebastião José (ed). **Representação social do esporte e da atividade física**: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

SILVA, G. M. da .; SECCO, H. A. .; NAKANO, T. C. . Perception of female soccer athletes in relation to the practice of the modality in Brazil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 7, p. e3511729418, 2022.

SOUZA, D. A. **O Brasil entra em campo**: Construções e reconstruções da identidade nacional. São Paulo: Annablume Editora Comunicação, 2008.

STEFANON, Nayara da Motta; SILVA, Eduardo Rodrigues da. Futsal feminino e questões sobre sua aplicabilidade. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 18, Nº 185, Outubro de 2013.

TEIXEIRA JR. **Mulheres no Futebol**: a Introdução do charme. Porto Alegre: Brasul,2006.

VALPORTO, Oscar. **Atleta, substantivo feminino**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/COB, 2006.

SILVA, Maria Cecília de Paula et al. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE, Sebastião José (ed). **Representação social do esporte e da atividade física**: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: GARCIA, E. S., LEMOS, K. L. M. **Educação física e esportes**. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. p. 9–26.

ANEXO I – SUBMISSÃO DA PESQUISA AO COMITÊ DE ÉTICA**DETALHAR PROJETO DE PESQUISA****- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO FUTEBOL FEMININO
Pesquisador Responsável: Adriano Lopes de Souza
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 55415822.6.0000.5519
Submetido em: 15/03/2022
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT
Situação da Versão do Projeto: Pendência Emitida pelo CEP
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT



Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1880007